

por **Peter Franco de Souza**,  
doutorando em filosofia da UERJ  
[peterfranco@hotmail.com](mailto:peterfranco@hotmail.com)

DOI: [10.12957/ek.2017.30456](https://doi.org/10.12957/ek.2017.30456)

Faz tempo que filosofia e luz se identificam, desde os gregos as imagens do sol e do fogo já prefiguravam o universo filosófico que seria construído dali em diante; a relação dos gregos com a luminosidade propôs um modo e um ritmo no que viria a ser considerado filosofia; tendo em vista todas as possibilidades que a luz apresenta, e já que somos um planeta regido por ela, não faria sentido viver uma vida sem pensar nela. A fenomenologia, oriunda de *phainomenous*, tem a ver com esse mostrar-se, *phainos*, por meio do *logos*. Sendo assim, luz e palavra se unem compondo um mostrar e um dizer e, quem sabe, fazer filosofia seja uma constante busca por um modo de dizer que seja como ver, ou vice-versa.

Na senda desta vereda, este volume 1, nº 6, da Revista Ekstasis, ainda que sem um tema proposto, vê de algum modo os textos caminharem para essa direção: luz, vida fática, cotidianidade, religião e existência são algumas das palavras que gravitam em torno da fenomenologia e hermenêutica.

A partir da concepção da filosofia como luz somos levados nesta edição a alguns caminhos possíveis.

No texto *Fenomenologia e religião: uma leitura do livro “fenomenologia da vida religiosa” de Heidegger*, é apresentada uma leitura introdutória a um tema caríssimo a Heidegger, a religião, nele o filósofo por meio do método fenomenológico aborda as epístolas paulinas a fim de tratar de uma experiência religiosa originária. Segue-se a ele *Pré-compreensão e círculo hermenêutico em Rudolf Bultmann: investigações sobre as influências em Hans-Georg*

*Gadamer*, no qual o autor trata da relação entre hermenêutica e teologia a fim de aprofundar a analítica existencial, ainda é tratado no texto o conceito de *desmitologização*, que pretende não desencantar as Escrituras, antes desenvolver um modo de lê-la que alije preconceitos; a partir da confluência Bultman e Gadamer, além da relação que estes dois estabelecem com o aspecto existencial do pensamento de Heidegger. Em *Lugar e espacialidade: contribuições para uma hermenêutica topológica é exposta as relações entre tempo e espaço e como elas se articulam com alguns conceitos básicos para o pensamento fenomenológico-hermenêutico como: compreensão, interpretação e círculo hermenêutico*.

Na esteira da biografia caminham os textos *O cotidiano e a caverna: a vida comum entre Heidegger e Platão* - que se trata de uma leitura da influência de Platão em Heidegger a partir da alegoria da caverna, da filosofia como luz e as ressonâncias deste pensamento no cotidiano, na vida comum humana – e em *Exaíphnēs (Platão) e Augenblick (Nietzsche) Em questão o acontecimento de uma mesma súbita transformação* – que fala da filosofia como a experiência extraordinária de caráter iniciático e ressignificadora da existência; ainda sobre jogo da existência *A experiência hermenêutica a partir da noção de jogo*, traz uma leitura de Gadamer e da sua noção de jogo como a experiência da finitude humana. Em *Do homologuein ao nihilismo: a saga da hybris na consolidação da metafísica como métron do real*, é sobre como a metafísica se tornou, na história da filosofia, a medida para o real.

Em *A purificação husserliana da imagem nas lições sobre “Fantasia e consciência de imagem”*, uma abordagem da consciência pelo viés da fantasia e em *Limites da crítica de Merleau-Ponty a Sartre em O Visível e o Invisível*, uma abordagem das concepções de ser e nada na obra de Sartre a partir da leitura de Merleau-Ponty.

Dentro ainda do contexto de *ser e nada* temos o texto de Jean-Luc Nancy, *O ser-com do ser-ai*, abordando as concepções: aproximações e distanciamentos entre être-là [ser-ai] e *dasein*.